ANAIS
VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE DA FUNDARTE
III SEMINÁRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DA UERGS/MONTENEGRO
2015

Igualdade não tem cor

Janaína Hahn Ramos[1]
Faculdades Integradas de Taquara FACCAT
Beatriz Regina Martins[2]
Faculdades Integradas de Taquara FACCAT
Magda Maria Saraiva[3]
EMEI Alice Maciel

Resumo: O artigo a ser apresentado faz parte do projeto Igualdade não tem cor, aplicado por duas acadêmicas bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – subprojeto Educação Infantil, do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), sendo realizado na EMEI Alice Maciel, tendo como objetivo sensibilizar as crianças para o respeito, apreciação e valorização da cultura africana através do lúdico. No decorrer do projeto, foram desenvolvidas várias práticas significativas, oportunizando aos alunos contextualizar e vivenciar a cultura africana tendo como fonte de inspiração imagens, vídeos e brincadeiras do continente africano. A proposta evidenciou oferecer para esta faixa etária de 4-5 anos a importância de convivermos socialmente com as mais diferentes origens culturais.

Palavras-chave: Cultura Africana; diversidade; educação infantil.

Introdução

Cada vez mais é necessário assegurar o direito à igualdade de condições de vida e cidadania para melhores condições humanas. Refletir desde a infância as mais diversas culturas é reconhecer e valorizar os povos que trabalharam muito para a formação econômica e social do nosso país.

A lei 10.639/03 nos dá como referência de que todos somos sujeitos históricos e sociais, tendo como princípio a igualdade. Através das novas legislações, ocorre a necessidade de mudanças na atuação de educadores e gestores nas áreas educacionais, embora, representar ser uma missão difícil, entender e ensinar a cultura africana é algo fabuloso, pois, atrás do rótulo de miséria e doença que muitos pensam em conhecer sobre o continente africano, há uma riqueza de diversidades em arte, cultura, rituais, religiões, musicalidade, línguas, danças, sistema ecológico e outros. A

[1] Acadêmica do Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Taquara-RS. Aluna do Pibid, subprojeto Educação Infantil da Pedagogia da FACCAT em Taquara-RS.
[2] Acadêmica do Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Taquara-RS. Aluna do Pibid, subprojeto Educação Infantil da Pedagogia da FACCAT em Taquara-RS.
[3] Coordenadora Pedagógica da EMEI Alice Maciel em Taquara-RS.

África disponibiliza vários pontos em seus países para serem apreciados, valorizados, respeitados e principalmente divulgados.

Conforme o documento do MEC (Ministério da Educação e Cultura) relata que:

> A lei deixa nítida a obrigatoriedade do ensino de conteúdos sobre a matriz negra africana na constituição da nossa sociedade no âmbito de todo o currículo escolar, e sugere as áreas de História, Literatura e Educação Artística como áreas especiais para o tratamento desse conteúdo, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. (MEC, 1996, p. 01).

Dessa forma, torna-se cada vez mais necessário compreendermos e resgatarmos a cultura africana na qual contribuiu muito para a construção social, econômica e cultural da nossa nação. Desconstruir os preconceitos raciais desde a infância através de atividades e projetos realizados é contribuir para uma melhor formação da sociedade brasileira.

Desenvolvimento

A proposta em questão é parte do projeto Igualdade não tem cor na qual nos fez refletir a seguinte questão: De que forma é possível promover práticas educativas, para que os alunos possam interagir e obter conhecimentos sobre essa rica etnia?

Partindo desse argumento, passamos a realizar práticas pedagógicas com os alunos do Pré I-A, cujo, no primeiro momento, contamos a história “As tranças de Bintou” de Sylviane A. Diuf, com este conto foi possível trabalhar com as crianças a identidade do ser humano. Através desta atividade, os alunos analisaram suas cores de pele, cabelo, compararam o comprimento de suas mãos com as do colega, dessa forma facilitando a aceitação do outro, contudo, promovendo o tratamento de igualdade com todas as pessoas da sociedade, embora, tenhamos características diferentes. Após a compreensão do assunto tratado, elas realizaram pinturas em um pano, simbolizando a arte africana, eles desenharam os cabelos de “Bintou”.

A segunda prática oportunizou uma reflexão através das imagens de alguns dos costumes do continente africano como, o uso de máscaras e colares. A máscara confeccionada pelo povo africano retrata algum acontecimento e estão destinadas a captar a força vital que escapa de um ser humano ou de um animal, no momento de sua morte, são usados em festas, cerimônias e rituais. Nós pibidianas propomos para

os alunos a confecção de máscaras e também colares, utilizando materiais recicláveis e tecidos coloridos picados.

Diante das belas paisagens encontradas na África, os alunos, na forma de maquete destacaram a savana- africana, um lugar exuberante e composto por várias espécies de animais selvagens. Com essa atividade, os alunos representaram a savana e a ecologia africana, através da utilização de erva-mate, simbolizaram o espaço verde (gramado), aproveitaram galhos de árvores para dar sentido à selva e ainda os pequenos construíram com materiais reciclados alguns animais como a girafa, elefante, zebra, xita, leopardo, leão e o rinoceronte.

Foi primordial contextualizar que a musicalidade de origem africana envolve a população brasileira, o som do tambor, tamborim, chocalhos e o pandeiro. Nessa prática envolvemos os alunos a escutarem e identificarem alguns dos instrumentos nas quais foram mostrados e após partimos para fabricação de tambores, chocalhos, ganzás e clavas, com o intuito de transmitir o conhecimento e o gosto por esses instrumentos.

Mostramos para as crianças através da história de Bintou que a feijoada e a culinária apimentada vêm da origem africana e sedem sabor ao paladar. Após terem assistido a hora do conto e refletido sobre a culinária, fomos para o refeitório da escola testar o nosso paladar fazendo um docinho chamado “negrinho” tendo como ingredientes, a bolacha maria, leite condensado, chocolate em pó e o amendoim que também tem origem africana. Após essa atividade, os alunos se dirigiram para o pátio da escola, onde realizaram a plantação de temperos, na condição em que eles cuidassem da plantinha com a mesma igualdade das demais plantas cultivadas em suas casas.

Finalizamos as atividades do projeto igualdade não tem cor com a sexta aula aplicada, foi uma festa, onde as crianças puderam se vestir com tecidos coloridos, máscaras e os colares confeccionados. Assim puderam expressar-se ouvindo músicas africanas e acompanhar com seus instrumentos musicais, além da belíssima apresentação musical para a escola.

Conclusão

Através do projeto, os alunos puderam interagir com a cultura e arte africana, dessa forma, gerou uma grandiosa aprendizagem nos termos de apreciação, sensibilização e respeito pelos costumes desse povo.

Assim, o projeto desenvolveu conhecimentos importantes sobre as etnias, através da ludicidade o que tornou a aprendizagem significativa e certamente marcante pela livre expressão das crianças na qual também envolveu os cinco sentidos.

Por isso torna-se necessário buscar o conhecimento das mais diferentes etnias e abordar desde cedo. Saber e conhecer sobre diferentes povos significa respeitar e abolir a discriminação valorizando a cultura do nosso país que é tão rica, e que poucos conhecemos.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil n° 9394/96. Brasilia, MEC, 1996.